



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10934 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

POÉTICA INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO: MODOS DE ESTAR-SENDO E FAZENDO SER ENTRE INDÍGENAS E NÃO-INDÍGENAS

Carine Josiéle Wendland - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROSUC/CAPES

POÉTICA INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO: MODOS DE *ESTAR-SENDO* E *FAZENDO SER* ENTRE INDÍGENAS E NÃO-INDÍGENAS

A aproximação com os pensares e as filosofias ameríndias tem se dado cada vez mais como uma experiência que engrandece por seu modo de ser (*ethos*) poético e sua forma de estar no mundo, que me deixam no lugar de *outra* - inferindo ao termo que estes sempre foram chamados. Um outro que promove o desencadeamento do Si-mesmo.

Urge a disposição inadiável de *estar-sendo* e (re)pensar o *ser* inabalável. Este último, universal, já não sustenta mais nosso céu e provoca a incapacidade humanista de se opor frente às desumanidades do mundo, o descuidado com tudo que é outro e que vive, o egoísmo desenfreado que busca lucro a qualquer custo e o desencanto pela própria beleza do mundo. Todavia, exige uma reconexão com o sensível e o gesto poético de fazer e fazer-se, de educar e educar-se e finalmente a necessidade de pensamento com culturas que têm o hábito de pensar holística e sensivelmente estes atos em relação a si e aos outros.

Tomando o Sul como rumo de pesquisa para desnaturalizar a escolha recorrente pelo termo Norte como primeiro e único mundo, problematiza-se como as relações interculturais entre indígenas e não-indígenas produzem uma poética na educação, em especial com as etnias Mbya Guarani e Kaingang do Rio Grande do Sul. Propõe-se, assim, reflexões acerca do (re)conhecimento de uma poética intercultural presente nestas relações e nas transformações e aprendizagens emergidas no processo de estar-sendo pesquisadora.

No processo dissertativo busquei investigar a partir da relação ensino, pesquisa e extensão, situada em universidade geo(inter)cultural, as relações interculturais entre indígenas

e não-indígenas na constituição de uma então poética intercultural. A pesquisa baseou-se na interlocução de viés filosófico e psicológico. As relações interculturais do mundo comum, em especial, no solo da América Profunda se deslocaram no caminho metodológico qualitativo, pautado numa fenomenologia autoetnográfica ao encontro das *com-versas* interculturais – entendendo-se todo humano como intercultural e poético.

Deste modo, em *com-versa*, nos aproximamos fenomenologicamente das imagens produzidas em falas pelos participantes da pesquisa no processo de investigação, não com viés analítico, mas de produção de sentidos para si e o mundo. As conversas do campo pesquisado foram direcionadas a pessoas de diferentes contextos interculturais presentes na América, mais especificamente a América Profunda, assim denominada por Kusch.

A presença no presente, no tangível em tempos de pandemia não fora possível, ademais a alternativa é o próprio fazer ser o que não é. Para isto, realizar “pesquisas no campo do imaginário, encontrar metodologias subtende-se criá-las, usar e abusar da bricolagem, brincar – com licença poética – de utilizar inúmeras abordagens de pesquisa sem pudor, mas lembrando-se do rigor” (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 54). “*Bricolage*: palavra francesa intraduzível, que tem o sentido do trabalho automático com as mãos, sem um fim específico, mas com grande capacidade expressiva. É um brincar com as mãos, um devaneio manual” (BOECHAT, 2014, p. 101). A fenomenologia é uma forma, a etnografia outra, a autoetnografia outra ainda, assim como as *com-versas*, a união delas já denota o lado poético – de *pöien*, fazer – pois cria uma outro e novo modo de fazer.

Fenomenologia lida com o fenômeno - da “palavra grega *fainomenon* – que deriva do verbo *fainestai* – e significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência” (BICUDO, 1994, p. 17). Por outro lado, a etnografia - do grego *ethno* povo, nação e *graphein* escrita - diz respeito a etnias, do humano, situado em um dado lugar. Assim como a fenomenologia não lida como uma realidade específica, mas inúmeras possibilidades de compreensão da realidade, a etnografia também não interpreta uma realidade, ao contrário, busca “una negociación constructiva que involucra al menos dos, y usualmente más, sujetos conscientes y políticamente significativos” (CLIFFORD, 1988, p. 41 apud RAPPAPORT, 2007, p. 198).

O fenômeno aqui pesquisado também diz respeito ao ato de fazer ser o que não é, portanto da poética, que é de todo e qualquer humano, portanto intercultural. A grande questão é o fazer-se a si-mesmo na relação, relatados pelos pesquisandos nas *com-versas* interculturais. Estes últimos foram indígenas e profissionais da educação - indígenas e não-indígenas. As *com-versas* aconteceram no serviço de comunicação por vídeo, Google Meet, ou seja, no ambiente virtual devido ao contexto pandêmico e foram gravadas com o consentimento dos(as) participantes.

Em solo de América profunda, geo(inter)culturalmente situados, na terra (geo), como humanos (inter)culturais, abarcando pensamentos ameríndios profundos (culturais) - o

geográfico está, como o lugar onde acontecem as trocas de pensamentos interculturais, à medida que carrega a cultura e onde assumir que as filosofias ameríndias são também nossas requer (cor)agem: ação do coração e cor do mundo. Aproximar-se de outrem e estabelecer uma com-versa em escuta profunda, perpassa a rasidão de conversas banais.

Assim, reunimo-nos em dois momentos, dois grupos diferentes para alguns movimentos de poética intercultural em com-versa. As com-versas que aconteceram com interlocutores de cursos de extensão de universidades geo(inter)culturais, na escrita dissertativa permanecem descritas em inteireza, não como fragmentos nem com observações, mas tomadas como autorias pelas provocações e por um pensamento desenvolvido acerca da poética/relação intercultural por quem as vive (WENDLAND, 2022).

Imbricados, portanto, em redes de tear, tecer e viver em uma rede de relações interculturais longe de teorias e manuais de viver a vida, nos situamos em estar-sendo. Busquei aproximar-me da percepção dessas relações em conversa a partir das imagens. Numa vida em aproximações com as artes plástico-visuais, em especial a pintura, imagens do inconsciente, para mim, eram distantes, intocáveis ou quiçá até inexistentes em minha consciência. A arte pela arte como o fazer inútil de maior sentido à existência era vivido, mas deparei-me em estar-sendo pesquisadora, que também este fazer pode não só (ex)pôr-se no mundo como um para fora, mas inter-relacionar-se com meu mundo de dentro e de modo mais poético conversar com o mundo de outrem, de modo que ao findar de cada com-versa eu produzia na ação poética da mão imagens que emergiam dos encontros.

Imagem, ação e alma estão, à vista disso, na poética intercultural, pois nos modos de ser e fazer ser, o humano busca sentido e produz sentido dentro de si em relação ao outro e ao mundo. O desafio que se instaura é o do ser sensível a ponto de trazer mais alma às atividades humanas no ato de educar e viver consigo e em relação, portanto, de uma poética intercultural já vivida por estes povos em sua filosofia que é, também, nossa.

A poética intercultural emergiu no seio de relações entre culturas, mas não como um conceito estagnado, ou um termo, mas como nomeação (nome-ação) de uma vivência, que, se fosse apenas um termo poderia unicamente durar alguns dias. A poética intercultural enquanto vivência já existia e resistia.

A interculturalidade, tal como a poética fora pensada em seu sentido vivencial. A palavra conforme um relato da conversa não existe, pois é vivida, ao passo que, por outro lado, a cultura somos cada um de nós. A interculturalidade fora também trazida em outros níveis mais profundos como um processo que transcende a relação humana, com outros modos de vida.

Ademais foram apontados aspectos que dizem respeito à mitologia, aos rituais e à ancestralidade, quando o povo indígena fora trazido como um ritual vivo. As com-versas apontaram a poética como um fazer que nos faz e, para além de estar nos mitos, nos ritos e na ancestralidade, está na natureza, na energia, no fazer, na identidade, na arte, no corpo, no

pertencimento provocando aprendizagens e (des)aprendizagens, está também no conflito intercultural, na alteridade, na sabedoria e na relação, enfim.

Um outro ponto fortemente problematizado, que se estabelece como conflito intercultural, fora o estar na universidade. De um lado como lugar de vivência intercultural por outro, pela não abertura a outras e sensíveis formas de pensamento, tais como as indígenas. As filosofias ameríndias, por exemplo, mantêm-se em universidade geocultural, mas é necessário que haja mais movimentos extensivos de relações interculturais. Os indígenas atuantes no meio acadêmico (re)existem a partir das raízes ancestrais que carregam consigo e a partir de seus fazeres sensíveis e poéticos.

Há também os indígenas que retornam sempre as suas raízes e tem na academia um lugar de estar em relação. Outros não permitem que a academia lhes roube o modo de estar sendo e a consciência. Deste modo, a universidade não situada geo(inter)culturalmente fecha-se em si mesma, estabelecendo uma linha indestrutivelmente abissal, produzindo conhecimentos do ego para fora, distantes de sabedorias ameríndias.

Os participantes das com-versas nos fazem pensar que a educação possa se dar na relação com a natureza, numa relação sensível com a arte, numa circularidade poética de pensamento e em especial com a presença dos indígenas no âmbito educativo. Percebe-se a partir das conversas, um fazer de corpo inteiro em resistência e abertura, em entrega e escuta profunda. A poética intercultural se manifesta na numinosidade da vida, na *anima mundi*. Os conversadores convidam para a sabedoria do coração. Este órgão como regulador da vida e da espiritualidade e condutor do caminho para o qual se espera chegar.

A preocupação com a verdade da vida sustem um modo de educar, que se estabelece no ato de ensinar as crianças a viver em interculturalidade e a respeitar, como compromisso com essa verdade da vida e como compromisso com a educação.

A poética intercultural, portanto, como um fazer, que estabelece relações vivenciais, existe enquanto houverem raízes que sustentam a sabedoria ancestral, árvores que sustentem o céu. O humano é conduzido pela poética, assim como ela é capaz de conduzir a educação. Para além do fazer, a poética está na maneira como se faz.

Embora encontros interculturais sejam temidos, pelas provocações e transformações provocadas, a relação pelos conversadores estabelece-se, justamente como poética intercultural pela abertura de escuta atenta.

O que demonstra a presença sensível da poética nas relações, foram, também, relatos de várias aproximações sensíveis entre os indígenas e não-indígenas com a vivência do corpo, com a arte e a arte do bom encontro. Estou, assim, como mera aprendiz de estar em conversa no mundo com alguém.

Sobre a poética do encontro e da escuta emergia esta fala na *com-versa* de um não-

indígena após a escuta de indígenas: *isso daqui é uma aula que a gente não tem no doutorado, escutando as histórias deles não há professor que fale desse jeito e porque é que eles não podem ser escutados, deveriam ser escutados em disciplinas de doutorado e de mestrado porque a gente se prepara para quê no meio acadêmico? Para fazer algumas coisas do ego para fora, vamos dizer aqui, e não atingimos nunca a individuação, se não fizermos essa integração da nossa natureza com as experiências que se relacionam com essa mesma natureza com o caminho da individuação. Nós dizemos caminhar pela individuação, mas não integramos a nossa essência com aquilo que a vida nos oferece, como experiências e se olharmos de alguma maneira para o nosso país e eu, pelo pouco que sei do mundo diria que parece que não é só no Brasil, mas como é que nós caminhamos, estamos caminhando para um amadurecimento científico, para um amadurecimento como ser humano no mundo, para um ser humano integrado e desenvolvido que é o nosso objetivo, se nós não integrarmos aquilo que é da nossa própria história. Como é que a gente pode deixar o indigenista que conhece as nossas raízes de lado. Onde que nós vamos chegar sem isso? Provavelmente nós só vamos construir processos de exagero do ego, que na academia se chama produção intelectual, mas de intelectual está muito pobre ainda esse aspecto, porque falta ainda a experiência vivida e a poética é uma das relações possíveis de serem feitas e que nos ajuda a entender que entre um saber vivido e uma intelectualidade produzida, falta uma experiência que a gente chama de poesia.* (WENDLAND, 2022, p. 91 e 92)

Kusch (2007), lembra que a interculturalidade não acontece apenas no nível entre culturas. Qualquer diálogo é intercultural, nos unimos pela linguagem. Ele reflete que, uma vez que há diálogo, há o problema da interculturalidade, não do grau de culturação, mas no estilo cultural de cada ser, de modo que, o que é dito por um lado, por outro está emaranhado culturalmente, toda *convivência* com qualquer forma de vida é, assim, intercultural. Estando, portanto, em interculturalidade e como humanos poéticos, capazes de um fazer a partir da *poiesis – poiën*, (VALÉRY, 2007), e assim produzir sentidos na e da educação, estamos numa poética intercultural.

Assim caminhamos das com-versas aos versos trançados. No entremeio das linhas. No entre a universidade e a aldeia. O entre ocupa o lugar do sensível. Entre as com-versas em relações, entre as linhas descritas, faladas e imaginadas estão os versos trançados. As com-versas se tornam versos com. Não trazem só *nós*, mas uma teia de saberes que se interconectam à ancestralidade e trançam a vida.

A urgência das relações em poética intercultural está na possibilidade de “tornar possível uma relação dialogal entre os indígenas e nós outros” (FUENTES, 2020, p. 195). A educação como interculturalidade é poética, pois diz respeito a um educar-se.

Portanto, uma educação poética, pautada na sabedoria do fazer que lida justamente com o “poético, o sea la *poiesis*, o sea la creación, [que] podría reactualizar el horizonte simbólico del indígena, y por conseguinte reintegrar la totalidad de su existir” (KUSCH, 1976, p. 112) para a não “fijación y la uniformización del sentido” (p. 112) numa

universidade geocultural se faz imprescindível.

Outra aprendizagem complementar entre mundos, fora não tão somente as aprendizagens e transformações da relação indígena e não-indígena como também na escrita em complementaridade filosófica e psicológica. Também a nível de complementaridade, destaco que não necessitamos negar a filosofia, a ciência e o conhecimento eurocêntrico, mas estabelecer uma relação entre todas elas e especialmente afirmar e viver as filosofias nossas, pois não carecemos de corresponder à negação imposta aos saberes na nossa América Profunda.

Na expansão mundana que me deparo comigo mesma, o Si-mesmo da teoria de Jung, ou a pedra angular de sua teoria conforme Stein (2006), para o qual Jung então dera o nome alemão *selbst* – Si-mesmo como fator arquetípico de intuição e integridade ordenada. Assimilar psiquicamente o *outro* como *Si-Mesmo* como tarefa interminável que os indígenas conseguem realizar sem mesmo conceituar na sua também jornada de individuação e é com os quais podemos corazonar e animar a educação.

No caminho dissertativo e de vida encontram-se distintos e profundos *modos de estar-sendo e fazendo ser*, em que eu, pesquisadora, também sou pesquisada. O modo de fazer da pesquisa se deu pelas palavras imaginadas, expressas e sentidas. Pensamentos de dois grupos de com-versadores que, fizeram emergir imagens e devaneios poéticos em mim e nos/as demais que lá estavam.

Deste modo, ter percorrido caminhos que ultrapassam termos enraizados fez-me encontrar outros modos de estar-sendo. No caminho, em minha então rasa convivência com os povos indígenas, retomo uma já vivência não nominada e por vezes não reconhecida da relação intercultural. Ao ser nomeada ultrapassa uma experiência para fazer parte de um todo maior: a poética intercultural.

A esperança utópica de educar um humano sensível que torna o planeta vivível, valoriza a imaginação, os sonhos e o sentido poético de estar-sendo e fazendo ser, é que evidencia a relevância do pensamento desenvolvido.

Diversos aspectos foram apontados nas com-versas entre indígenas e não-indígenas. Na direção do Sul da pesquisa, um deles foi o modo de educar que já não mais dá conta de produzir sentidos em educação. No reconhecimento da educação como modo de viver e na tentativa de aproximação, novamente, dos fazeres de todo humano, desloca-se a educação para um lugar mais sensível e artesanal.

As relações interculturais entre indígenas e não-indígenas, portanto, produzem uma poética na educação a partir dos fazeres sensíveis, do reconhecimento de *si* como *outro*, da circularidade do *nós*, e da *convivência*. Ademais, as imagens que emergiram da relação do *estar-sendo e fazendo ser* foram inúmeras relatadas em palavras e vivências pelos grupos participantes. As imagens do inconsciente por parte do eu pesquisadora foram ao encontro das

falas e suas ressonâncias provocadas em mim, quando ambas foram carregadas de sentidos. O primeiro movimento de conversa demonstrou a circularidade de sentidos, quando assim também a segunda fazia circular, todavia com mais aspectos que diziam respeito à quadricularidade acadêmica.

Percebo que tal como a oposição complementar Kaingang, estou em complementaridade com indígenas pelo alargamento de sentidos produzidos em mim que também sou outra nessa relação, pelo adensamento da vida que vi em minha frente, pela familiarização no cuidado com a natureza, com a expansão de meu pequeno e singelo mundo. Para tanto a relação ensino, pesquisa e extensão foi imprescindível e segue sendo como uma demanda educativa para os modos de estar-sendo no mundo.

Os fazeres sensíveis indígenas, bem como os fazeres sensíveis não-indígenas vinculam-se à educação e à alma da educação, que está se geometrizando frente ao mundo. A circularidade de tempos e espaços indígenas trazidas para os modos de estar-sendo na relação, devolvem ao mundo o caráter educativo, não do saber em si, mas a educação como um processo de educar(se).

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Poética intercultural. Filosofia ameríndia. Estar-sendo e fazendo ser. Fenomenologia autoetnográfica.

REFERÊNCIAS

- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (org). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1994, p. 15-22.
- BOECHAT, Walter Fonseca. **O livro vermelho de C. G. Jung: jornada para profundidades desconhecidas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FUENTES, Lygia Aride. Nós outros: um diálogo entre o perspectivismo ameríndio e a psicologia de C. G. Jung. In: OLIVEIRA, Humberto (org). **Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira: psicologia junguiana e inconsciente cultural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. – (Coleção Reflexões Junguianas).
- OLIVEIRA, V.; SILVA, M. Em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação in: FEITOSA, D.; DORNELES, M.; BERGAMASCHI, M. **O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação**. Bahia: Editora UFRB, 2016.
- RAPPAPORT, Joanne. **Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración**. Revista Colombiana de Antropología, vol. 43, enero-diciembre, 2007, p. 197-229 Instituto Colombiano de Antropología e História. Bogotá, Colômbia.
- STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma** – uma introdução. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VALÉRY, Paul. Primeira aula do curso de poética . In: VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 179-192.

WENDLAND, Carine Josiéle. **Poética intercultural na educação**: modos de *estar-sendo* e *fazendo ser* entre indígenas e não-indígenas. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2022.